

Casa Branca, a busca da paz



» JOSÉ SARNEY
Ex-presidente da República,
escritor e imortal da Academia
Brasileira de Letras

Nós, brasileiros, não temos motivo para ter qualquer simpatia por Donald Trump, que tem adotado uma política de confronto com o Brasil, impondo taxas impagáveis, cuja consequência não é outra senão atingir empresas brasileiras e até mesmo algumas americanas aqui instaladas, que participam do desenvolvimento nacional. A balança comercial entre nossos países favorece os Estados Unidos, superavitaria para eles. Não há, portanto, qualquer motivação para essa investida do presidente americano, que esqueceu nossa tradição de amizade.

Duzentos anos de nossas relações diplomáticas mostram a solidariedade do Brasil aos Estados Unidos, cujo ponto mais alto foi a nossa participação em duas guerras mundiais ao seu lado, juntando o nosso sangue ao sangue norte-americano na defesa da democracia e contra a tirania.

Outro dia escrevi sobre o quanto era alarmante para a humanidade essa confrontação de hoje, em que, no lugar da Alemanha, temos a Rússia e os americanos fazendo o jogo da disputa com ameaças nucleares, o que significaria liquidar com a nossa Terra.

Tive a oportunidade de ressaltar o quanto de preocupação eu sinto toda vez que surgem ameaças de uso de armas nucleares com seus vetores, tendo como exemplo os foguetes intercontinentais e a busca de posições estratégicas de ambas as potências.

Caio Gomez



Hoje venho enfatizar que foi muito positivo o esforço do presidente dos EUA, Donald Trump, e dos representantes dos países europeus — Alexander Stubb, presidente da Finlândia; Volodymyr Zelensky, presidente da Ucrânia; Keir Starmer, primeiro-ministro do Reino Unido; Emmanuel Macron, presidente da França; Giorgia Meloni, primeira-ministra da Itália; Friedrich Merz, chanceler da Alemanha; Ursula Von Der Leyen, presidente da Comissão Europeia; e Mark Rutte, secretário-Geral da OTAN —, que se reuniram na Casa Branca, em Washington, para discutir a paz na Ucrânia, pois todos consideram uma ameaça à paz no mundo a guerra nesse país, porque, inevitavelmente, a tendência seria estendê-la a toda Europa, e da Europa ao mundo inteiro, resultando em uma terceira guerra mundial.

Lembremos que a Segunda Guerra Mundial começou seu último ponto explosivo quando a Alemanha invadiu a Polônia, com a reação imediata de França e Reino Unido (Inglaterra) e, mais tarde, de outros países, Bélgica e Holanda, formando os Aliados; depois, após o ataque japonês, receberam a adesão dos Estados Unidos, estendendo a aliança ao mundo inteiro, inclusive com a declaração de guerra às potências do Eixo.

Devemos recordar que, naquela época, o primeiro-ministro da Grã-Bretanha, Neville Chamberlain, tentara de todas as maneiras evitar a guerra, inclusive cedendo a pautas quase inegociáveis, como a revisão do Tratado de Versalhes, que a Alemanha contestava como opressivo, pois estabelecia o pagamento de indenizações de guerra consideradas extorsivas, o não rearmamento e muitas outras medidas que realmente sufocavam a restauração daquele país. Isso não impediu que Hitler invadisse e anexasse os Sudetos, reconstruindo um poderoso exército com equipamentos

ultramodernos que espantaram o mundo, como as divisões Panzer, e, posteriormente, invadisse a Polônia, culminando no início da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939.

Hoje a situação tem alguma semelhança com aquela, pois as motivações da Rússia são as mesmas da antiga Alemanha de Hitler: ameaças à sua segurança interna. A História sempre se repete com outras roupagens, mas, no fundo, são invocadas as mesmas motivações.

É nesse clima e com essa visão do passado, do presente e do que pode ser um futuro é que podemos olhar de maneira positiva o gesto do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, quando, em um processo de diplomacia muito difícil e trabalhoso, consegue reunir países europeus e a Otan, justamente apreensivos com a guerra da Ucrânia, e com eles estabelecer passos para encontrar-se a paz no continente, já que, em Israel, a obsessão do Netanyahu mantém essa guerra infernal que revolta o mundo inteiro, em que até a fome é usada como arma de guerra.

O slogan adotado na reunião entre Trump e Putin, no Alasca — Pursuing Peace (buscando a paz) —, já dizia que não se tratava de coisa fácil, pois implicava uma busca daquilo que é tão difícil: a paz. Paz que não somente seja a ausência de guerra, mas também a aspiração milenar de um entendimento fraterno e pacífico entre os homens, uma convivência baseada nos ideais dos direitos humanos e no respeito à liberdade e à soberania de todos os países.

Portanto, devemos apoiar gestos dessa natureza e desejar que eles prossigam com determinação e idealismo e que sejam eficazes não só para o presente, como também para assegurar aquilo que Kant pregava: uma paz duradoura. Esse é o significado da atuação da Casa Branca.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (interina)
// circecunha.df@dabr.com.br

O cérebro como antena

Entre todas as revoluções científicas que marcam o século 21, talvez nenhuma seja mais surpreendente do que a que emerge no campo das neurociências. Durante muito tempo, acreditou-se que o cérebro era o centro produtor do pensamento e da consciência. Contudo, novas teorias apontam para uma hipótese radicalmente distinta: o cérebro não seria o criador da mente, mas um mediador entre frequências invisíveis e nossa experiência consciente. Essa visão sugere que o cérebro funcionaria como uma antena biológica. Assim como um rádio não produz a música, apenas a sintoniza, o cérebro não geraria ideias por si só, mas captaria vibrações de um campo maior de consciência universal.

O físico indiano Amit Goswami resume essa inversão de perspectiva ao afirmar que “a consciência não está no cérebro, o cérebro está na consciência”. Para o biólogo celular Bruce Lipton, somos receptores de um campo informacional, e até o DNA funcionaria como antena capaz de captar sinais do ambiente. Gregg Braden, pesquisador que transita entre ciência e espiritualidade, acrescenta: “O cérebro é o hardware; o campo de consciência é o software”. Já Rupert Sheldrake, com sua teoria dos campos mórficos, sustenta que a memória não está armazenada no cérebro, mas ressoa em campos invisíveis que conectam todos os seres.

Essa nova abordagem começa a desafiar a neurociência clássica, tradicionalmente materialista, que procura localizar pensamentos apenas em redes neurais. Agora, a questão ganha contornos espirituais sem perder o diálogo com analogias científicas. O debate toca em um ponto essencial: se o cérebro é apenas antena, onde estaria a fonte real da consciência? Nesse contexto, a glândula pineal ressurgiu como peça central. Conhecida desde a Antiguidade como o “terceiro olho” e descrita por Descartes como a “sede da alma”, sempre foi vista pelos Yogis como portal de acesso a estados ampliados de percepção.

Hoje, investigações a relacionam com ritmos biológicos, produção de melatonina e até experiências místicas. O neurocientista Rick Strassman chegou a propor que a pineal poderia estar ligada à produção de DMT, molécula que induz estados alterados de consciência. Assim, ciência e espiritualidade encontram um ponto de contato. Surge também a noção de metacognição — o pensar sobre o próprio pensar — e de meta-plasticidade, ou seja, a capacidade do cérebro de remodelar-se não apenas internamente, mas em sintonia com algo maior.

A psicologia e a psicanálise são chamadas a refletir sobre essas descobertas. Freud via o inconsciente como um reservatório de pulsões reprimidas; Jung avançou ao falar do inconsciente coletivo, um campo simbólico partilhado por todos. A nova neurociência sugere que esse campo poderia ser literal, um oceano vibracional que conecta mentes em diferentes níveis. Esse deslocamento rompe com a visão cartesiana do ser humano como máquina biológica e devolve ao conceito de “alma” um estatuto renovado.

Amit Goswami insiste: “A consciência é a base de todo o ser; matéria e mente emergem dela”. A afirmação subverte o paradigma clássico: não é a mente que nasce do cérebro, mas o cérebro que opera como instrumento da mente maior. Naturalmente, essa hipótese enfrenta resistências. Muitos cientistas lembram que ainda faltam evidências experimentais sólidas. No entanto, é inegável que a consciência permanece como um dos maiores mistérios não resolvidos da ciência. Nenhuma teoria materialista conseguiu explicar plenamente sua origem. E, quando as respostas não surgem, novas hipóteses tornam-se não apenas possíveis, mas necessárias.

A concepção do cérebro como antena pode não ser a explicação definitiva, mas tem o mérito de abrir horizontes e aproximar a neurociência de antigas tradições filosóficas e espirituais. Mais do que isso, convida-nos a refletir: somos autores de nossos pensamentos ou apenas receptores de uma transmissão maior? Se estivermos, de fato, sintonizando frequências universais, a responsabilidade pelo que captamos e manifestamos em nossas vidas se torna ainda maior. Talvez, a neurociência do futuro seja também, inevitavelmente, uma ciência da alma. Nesse ponto, ciência e espiritualidade, antes vistas como opostas, podem, enfim, se reencontrar.

A frase que foi pronunciada:

“O cérebro é mais vasto do que o céu.”

Emily Dickinson

Pensando bem

» Interessante que, enquanto eram gratuitas, as sacolas de mercado faziam mal para a natureza. Agora, ao cobrar pela embalagem, parece que alguém agradece... E não é o meio ambiente.

História de Brasília

Observe-se que isto está acontecendo no setor residencial, onde não poderia haver tal tipo de negócio. (Publicada em 8/5/1962)

Palmares 37 anos: história viva, futuro em movimento



» JOÃO JORGE RODRIGUES
Presidente da Fundação
Cultural Palmares

Ao celebrarmos os 37 anos da Fundação Cultural Palmares, em 2025, trago comigo a lembrança nítida do momento em que assumi sua presidência, em março de 2023. Naquele instante, não recebi apenas um cargo, mas um gesto de confiança do povo negro, um chamado para levantar novamente um espaço marcado pela tentativa de apagamento, que resistiu e permanece vivo. Encontrei a Palmares com marcas profundas, livros sob ameaça, símbolos trocados, nomes apagados, histórias silenciadas. Ali, entendi que não havia tempo para hesitação. Como disse Martin Luther King, “não podemos esperar”. E nós não esperamos.

Nasci na Rua do Bispo, em Salvador. Cresci com a certeza de que arte, educação, cultura e política formam um só caminho, o da dignidade. Ao longo da vida, no Olodum, no direito, nas ruas e nas ideias, compreendi que nossa luta não cabe em molduras. Ela vibra nos tambores, nas palavras e no gesto de erguer uma instituição que carrega o nome de Palmares.

A primeira tarefa foi devolver o sentido, restaurar as cores pan-africanas, resgatar os nomes dos nossos heróis, revogar o que travava os

quilombos. Fiz isso não para corrigir o passado, mas para garantir o futuro. A Fundação é um símbolo da luta preta no Brasil, um corpo coletivo, um chão sagrado.

Preservamos a Biblioteca Oliveira Silveira, digitalizamos acervos, criamos editais que prestam homenagem a algumas de nossas vozes mais fortes: Conceição Evaristo, Luiz Melodia, artistas das margens, escritores vindos dos quilombos, mulheres que constroem o mundo com palavras e silêncio. Reconhecer essas trajetórias reafirma que a cultura negra ocupa o centro, não a margem.

Retomamos parcerias com universidades, voltamos aos territórios, reabrimos escutas. A juventude negra voltou a enxergar na Palmares a sua casa. As mulheres negras, que sustentam o país com seus passos e mãos, ocuparam o centro das ações. Ampliamos programas com recorte de gênero e raça, apoiamos lideranças femininas e fortalecemos produções culturais protagonizadas por elas.

O programa Afrodigital alcançou territórios distantes, levando computadores, internet e transporte. Não entregamos apenas máquinas, mas possibilidade e presença. O Estado atravessou muros para chegar aonde sempre deveria ter estado.

Com lideranças religiosas de matriz africana, realizamos encontros de reverência e verdade. Reafirmamos que o povo de terreiro funda o que somos. A capoeira, expressão ancestral de liberdade, tem retomado seu lugar de honra. Celebramos mestres, reconhecemos trajetórias e afirmamos o valor do corpo, do ritmo, do chão.

Em Brasília, inauguramos a nova sede da Casa

Palmares, espaço vivo de dignidade e comunidade. No Rio, revitalizamos o Espaço Docas André Rebouças e lançamos o Viva Pequena África, projeto de valorização da cultura afro-brasileira e preservação da memória africana na região portuária.

Na Serra da Barriga, a Fundação voltou inteira. Ali, onde Zumbi permanece vivo, firmamos alianças, criamos formas de lembrar. Subimos aquela serra com respeito e a certeza de que com memória também se faz política.

Representamos o Brasil em viagens à África. Levamos acordos e afetos. Recebemos embaixadores africanos na nossa sede. Estabelecemos pontes e abrimos caminhos para uma travessia que nos permite olhar de igual para igual.

Em Salvador, celebramos a Revolta dos Búzios. João de Deus, Lucas Dantas, Manuel Faustino e Luís Gonzaga sonharam liberdade. Cabe a nós impedir que esse sonho seja adiado.

Com o apoio da ministra Margareth Menezes, abrimos caminhos para fazer da cultura um instrumento de transformação. Ao lado do presidente Lula, celebramos a oficialização do dia vinte de novembro como feriado nacional. Zumbi é presença, verdade, Palmares.

A Fundação Cultural Palmares chega aos seus 37 anos com corpo, gesto e promessa. Celebramos a continuidade de uma história que se renova a cada conquista e se projeta para o futuro com a mesma intensidade de quando começou. Seguimos. Porque, como disse Mandela, “tudo parece impossível até que seja feito”. Fizemos. E vamos continuar a fazer.